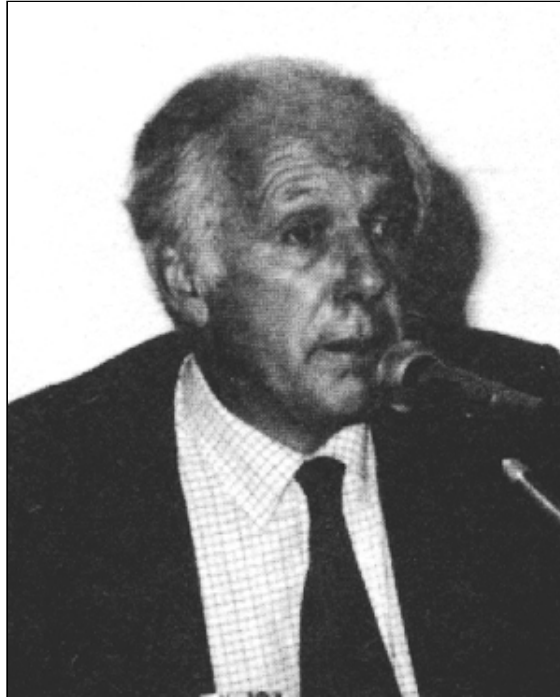


ENTREVISTA COM JORGE L. AHUMADA*

Entrevista concedida, em 27 de outubro de 1995, aos Drs. Mauro Gus, Joel Nogueira, Raul Hartke e Ruggero Levy.



RP – é uma tradição de nossa Revista, nesses três anos, entrevistarmos os nossos convidados para a Sociedade. Ficamos muito honrados em poder conversar mais proximamente com os colegas que nos visitam. Dentro dessa linha, já recebemos pessoas como Elizabeth Spillius, David Tuckett, André Green, Elizabeth Garma, Otto Kernberg e temos, agora, a satisfação, depois de nos conhecermos há tantos anos, de entrevistá-lo para a revista. Gostaríamos de, inicialmente, colocar algumas perguntas e te deixar falar. Isso me parece mais interessante, pois poderás ir associando com a tua experiência como editor, esses anos todos, do Comitê Editorial da América Latina, com a tua experiência como psicanalista e como um estudioso que tem publicado ultimamente coisas muito interessantes. Entre elas, eu gostaria de citar, quem sabe como um ponto de partida, o artigo publicado no International Journal no qual questionas o ponto de vista hermenêutico narrativo e te posicionas a favor da psicanálise como a ciência observacional, dentro das ciências naturais. Poderias, para início de conversa, explicar qual a repercussão disso sobre o método psicanalítico?

JA – Bom, se eu penso que a psicanálise está dentro das ciências naturais, é porque creio que há uma diferença no método. Ao dizer que há uma diferença no método, não quero com isso dizer que tenha que havê-la em todos os praticantes de um ou outro posicionamento. Há uma diferença na receptividade de cada analista, que não está dada, na realidade, pelas teorias que sustenta e sim pelo que foi a qualidade de sua análise, pelo que é a sua receptividade pessoal, pela riqueza de suas experiências de supervisões e por muitos outros fatores. Não há uma dependência linear de um analista com respeito a suas teorias. De todas as formas, acredito que a discussão não é puramente acadêmica. Os enfoques hermenêuticos narrativos não são homogêneos, mas implicam, a meu entender, um retorno, uma reinclusão mais estreita da psicanálise dentro das filosofias, que é uma coisa em relação à qual Freud tomou muito cuidado. Freud fez um esforço sistemático para manter a psicanálise fora da dependência dos sistemas filosóficos e acredito que os enfoques hermenêuticos narrativos implicam, para muitos de seus seguidores, uma reinclusão da psicanálise mais perto da filosofia. Isso é explícito em algumas pessoas, como é o caso de Ricoeur. Por exemplo, no seu livro “From Text To Action”, que creio ser de 1984, é claro como água que Ricoeur dedicou certamente anos de sua vida ao estudo de Freud, isto é, submergiu em Freud, escreveu um livro a respeito de Freud e saiu absolutamente não modificado. Quer dizer, passou anos de sua vida estudando psicanálise e disso não lhe ficou nada. Acho que isso é muito ilustrativo da dificuldade que se dá quando o centro dos interesses e da formação de alguém é a filosofia. Quando se estuda a psicanálise a partir da filosofia, então essa última se torna o ponto de partida e a psicanálise, assim estudada, não possibilita uma verdadeira experiência psicanalítica. O estudo dos textos psicanalíticos é uma parte muito importante da formação de um psicanalista, mas isso se dá à medida que esteja ligado a experiências, principalmente às experiências como analisando bem como às experiências que possa ter como analista e como supervisionando. é nesse interjogo de experiências que o estudo dos textos de psicanálise pode ser frutífero.

Não sei se respondi à sua pergunta. Tenho a impressão que respondi talvez a uma faceta mas não a outras. Para os enfoques hermenêuticos narrativos, a linguagem passa a ter uma posição central e não era assim para Freud. Freud distingue vários níveis na mente, fala da realidade psíquica, que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, fala dos impulsos e das representações de coisa como os elementos constitutivos do inconsciente e refere-se à linguagem como um nível sobreposto ao qual essas experiências se unem e através do qual a linguagem, em cada pessoa, adquire significado. Esse é um ponto bastante diferente daquele sustentado pelas teorias hermenêuticas narrativas, nas quais o significado radica na linguagem e não na experiência e para as quais é a linguagem que significa a experiência. Então, digamos, um coloca o carro onde o outro coloca os cavalos e vice-versa e isso se reflete na técnica.

Acho que isso é explícito naquele que certamente foi o primeiro hermenêuta na psicanálise e que teve a mais ampla repercussão, mesmo que ele não se considerasse estritamente um hermenêuta, ou seja: Lacan. Quando Lacan, propõe, em seu discurso de Roma no ano 53, a linguagem, a palavra como o núcleo essencial no qual a psicanálise se baseia, não é estranho

que junto com essa afirmação ocorra um claro abandono do método, o que hoje seus discípulos admitem abertamente. Roudinesco diz, na biografia de Lacan, e acho que tem razão, que os que permaneceram na IPA defenderam o método e definiram inclusive a pertinência ou não ao grupo psicanalítico de acordo com a manutenção do método, o famoso problema dos standards da formação. Por outro lado, surgiu uma enorme diversidade de teorias, como um ramalhão, ao longo, digamos de 50 anos desde a morte de Freud, de certa forma, desde antes. No caso do lacanismo, deu-se o inverso: produziu-se uma rígida defesa da teoria, que era o que estabelecia o fato de pertencer ao movimento, enquanto a técnica passava a ser algo que não ficava instituída de maneira alguma. Os praticantes lacanianos ficavam com absoluta liberdade técnica e nisso se incluem, por exemplo, situações que, de um ponto de vista um pouco mais clássico, teriam sido consideradas não só inadmissíveis mas sim impensáveis como, por exemplo, as sessões de três minutos com que trabalham alguns dos lacanianos franceses e que eles consideram como uma técnica admissível. Nem todos a usam, mas a consideram cabível dentro do espectro de modificações técnicas da psicanálise e passíveis de uma fundamentação.

O caso de Lacan é talvez extremo, no sentido de que outros enfoques hermenêuticos narrativos não tiveram esse nível de dispersão militante, digamos quanto à técnica, mas eu acho que se pode fazer uma generalização.

RP – Falaste a respeito de Elizabeth Roudinesco, que esteve recentemente em Porto Alegre e nos impressionou muitíssimo. Ela, de alguma maneira, frustrou o movimento lacanianos, ao menos local, que estava esperando que ela viesse com uma bandeira, defendendo todo o lacanismo propriamente dito como a psicanálise do presente e do futuro. Ela desmistificou isso, a ponto do auditório ter-lhe feito uma pergunta – se ela não entendia que o futuro da psicanálise estava ligado ao lacanismo – e ela teve uma expressão espontânea dizendo: "Oh! Não!" Porque, exatamente, o lacanismo e o millerismo, que é o movimento todo que se seguiu à herança que foi passada ao grupo de Lacan – Miller – fugia, de forma importante, do método. E todo o movimento lacanianos dentro da França ficou sendo como que propriedade dos movimentos filosóficos e muito entrecruzado com Heidegger e com Althusser, escapando aos preceitos com que estamos habituados a conviver, que são os fundamentalmente psicanalíticos. Então, eu gostaria que tu pudesses nos dizer alguma coisa a respeito disso também, já que tu falastes na Roudinesco.

JA – De que coisa você quer que eu fale?

RP – Sobre o lacanismo fora da França e como te parece o desenvolvimento desse movimento dentro da América Latina, porque eu também pretendia conversar um pouco contigo sobre o futuro da psicanálise dentro da América Latina.

JA – Posso te contar uma história antes que eu a esqueça? Acho que não está publicada. Quem me contou foi Domingo Grande, um discípulo de Celes Carcamo, um dos primeiros psicanalistas de Buenos Aires. Carcamo foi colega de estudos de Lacan nos seminários. Ele era graduado do Instituto de Paris e tinha sido colega de seminários de Lacan e, sempre que ia à França, via Lacan. Às vezes ia com ele aos seus seminários. Uma anedota que contava Domingo Grande, é que Carcamo havia previsto muitos anos antes, conhecendo as características do meio intelectual de Buenos Aires, que o lacanismo iria ser furor em nossa cidade. Coisa que de fato aconteceu. Isso foi uma previsão de Carcamo, ao menos, eu diria, uma década antes do lacanismo aparecer em Buenos Aires. Acho que isto tem a ver com as características do meio intelectual em Buenos Aires e não só em Buenos Aires, mas na América Latina, que é um meio intensamente verbalista, ao contrário dos meios anglo-saxões que têm uma cultura mais para o lado do empirismo na própria sociedade. Em um meio anglo-saxão, é uma coisa impensável que alguém fale de alguma coisa que não sabe fazer. É impensável que eu fale de carpintaria, se não sou carpinteiro, num meio anglo-saxão. Alguém só pode falar do que sabe fazer. Na América Latina – não sei no Brasil – mas em Buenos Aires sim, o que importa é que se saiba falar. Se alguém fala bonito, não tem importância que saiba ou não fazer o que diz.

RP – Mas há pouca coisa clínica de Lacan escrita. Nós não temos nada clínico.

JA – Lacan não descrevia casos clínicos. Uma das coisas que aparece muito claramente no livro de Roudinesco é a pouca experiência clínica, como psicanalista, que tinha Lacan. Quando entrou como membro, o que foi uma situação muito complexa, bem explicada por Roudinesco, sua experiência clínica era com um paciente apenas, o qual analisava três ou quatro vezes por semana. Esse era o seu caso psicanalítico. Por muitos anos, ele teve um único paciente.

RP – Há só um caso publicado (ele disse que gostava de tratar psicóticos).

JA – O caso Aimée, que não foi um caso psicanalítico. Foi um relato de suas entrevistas, de sua visão de uma paciente psicótica. Não é estranho que Lacan tenha publicado muito pouco clinicamente, porque, sendo um homem obviamente muito inteligente, muito talentoso, Lacan suportava muito pouco o método.

RP – É a pergunta sobre Lacan é exatamente por causa do método...

JA – Claro, mas eu não queria me centrar somente no caso de Lacan que é um caso bastante anômalo. Eu acho que o método psicanalítico objetiva que o inconsciente se manifeste, se explicita, para que haja uma ostensividade do inconsciente. Freud armou todos os elementos do método em torno disso. Quando Freud fala, por exemplo, que o instrumento do analista é o seu inconsciente, que o analista segue o curso do inconsciente do paciente com seu próprio inconsciente, Freud já estava falando do que se veio a chamar contratransferência no sentido amplo, como parte do método, embora não chamasse isso contratransferência. Ele denominava isso a forma como se escuta. O método está armado para que o analista faça um tipo de intervenção descritiva, que rompa o menos possível, que turve o menos possível o curso do que vai surgindo no paciente. Isso implica muitas coisas. Uma delas é que muitos dos pacientes não aparecem através das palavras, aparecem através das ações. E a neutralidade do analista objetiva preservar um marco onde isso vá se fazendo visível para o analista e para o paciente.

Se alguém pensa que o inconsciente aparece basicamente por meio da palavra e que o que importa é seguir as associações verbais e que por sua vez o analista vai modificar isso pela sua criatividade verbal, a necessidade de cuidado com o método desaparece. Por isto, parece-me, não vemos artigos sobre método nos escritos das correntes narrativas. O que se vê são, principalmente, artigos de crítica às posições empiristas, crítica muitas vezes deformada, por atribuir-se um caráter autoritário ao método. É muito comum que o método analítico clássico seja tratado como autoritário e que essas correntes se apresentem como liberadoras. De todas as formas, é claro que, à medida que desfazem o método, passaram a adquirir um atrativo popular muito maior. Então, é uma psicanálise sem psicanálise.

RP – Isto está muito interessante no seguinte sentido: existe uma corrente que pensa a psicanálise a partir de um desenvolvimento histórico, isto é, medicina, neurologia, neuro-psiquiatria, chegando até a Psicanálise com Freud e a partir dele. A outra linha seria toda esta evolução, mas sofrendo influências, na sua trajetória, de outros conhecimentos, outras atividades. Eu queria ouvi-lo a esse respeito. Por exemplo, quanto à influência da filosofia, dos movimentos filosóficos...

JA – Quais movimentos filosóficos, por exemplo?

RP – Positivismo numa determinada época. Racionalismo, pragmatismo e uma série de outros. Como isso, vamos dizer assim, influencia de alguma maneira. Gostaria de ouvi-lo a esse respeito, pois penso que, se por um lado, tais influências acrescentam do ponto de vista cultural, por outro, às vezes me parecem uma perversão no sentido do método psicanalítico em si, no sentido de pesquisa vinculada ao inconsciente dinâmico e ao determinismo psíquico e no sentido de considerá-lo uma técnica de tratamento de doenças, de pessoas que sofrem.

JA – Bem, o assunto é muito amplo. Obviamente Freud tinha as influências filosóficas de sua época, mas acho que é importante destacar o fato de que qualquer positivismo que se atribua a Freud não era um positivismo ideológico e sim era o que poderia ser a visão das ciências em sua época. E nesse sentido, quem questiona Freud a partir da filosofia, a meu entender, simplifica muito fatos bastante centrais. De imediato, tudo que era psicologia já era colocado, exceto por alguns seguidores, bem fora de qualquer das correntes das chamadas ciências positivas, no sentido como a entendia Comte, por exemplo. Comte disse textualmente que a psicologia é como a astrologia...

RP – Como a astrologia?

JA – Sim, astrologia. Essa frase que depois Popper repetiu à exaustão, comparando a psicanálise com a astrologia, na realidade Comte já a tinha dito quase cem anos antes. Ou seja, que como uma ciência positiva em sentido estrito a psicanálise não existe e ponto. Que em algumas das concepções da metapsicologia de Freud achemos resquícios do que poderia ser uma concepção mecanicista, de alguma forma é certo. Por outro lado, Freud tomava liberdades metodológicas muito amplas, Freud improvisava sua metodologia a partir dos seus achados. Freud foi um enorme renovador metodológico e não prendia seus recursos e seus progressos a nenhuma filosofia determinada. Acho que todos esses pontos devem ser destacados, senão caímos na simplificação de dizer que Freud era positivista, que a psicanálise de Freud era positivista e que o que temos de fazer é uma psicanálise que não seja positivista, o que permite uma tergiversação para atirar o método pelos ares.

RP – A psicanálise teria uma epistemologia específica, própria?

JA – Sim, a psicanálise tem uma epistemologia própria que Freud desenvolve ao longo de seu trabalho. Isso, de certa forma, eu trato numa crítica a Grünbaum que vai sair no JAPA e que se chama "Em Direção a uma Epistemologia da Psicanálise". A psicanálise pertence a um terreno para o qual a epistemologia não está pronta. Os epistemólogos procederam quase todos do núcleo da ciência galiléica, a partir da qual se configurou o esquema clássico do método hipotético dedutivo. Popper foi um físico e toda a sua concepção metodológica está intimamente ligada à física. O mesmo é válido com respeito às correntes renovadoras da epistemologia atual como, por exemplo, Lakatos, que era um matemático, Feyerabend, que era um físico. Grünbaum era um físico, mas Grünbaum não está entre os renovadores, que eu o saiba. Kuhn também foi físico. Ou seja, a epistemologia se fez quase exclusivamente a partir da física e de uma física que é basicamente a do modelo galileico-newtoniano. Há uma frase que Bertrand Russell escreveu em sua tese, no ano 1895, em que diz que a geometria sempre foi central nas teorias do conhecimento. Essa afirmação é rigorosamente certa, porque a teoria newtoniana foi a que permitiu uma reunião do modelo dedutivo da geometria de Euclides com o empirismo. É por isso que o modelo cosmológico, que é central na teoria newtoniana, sempre teve o papel central nas concepções epistemológicas, porque era aquele no qual os mecanismos de relojoaria eram suficientemente precisos e estáveis a ponto de permitirem, com base em deduções geométricas, prever elementos futuros. Nele as variáveis são o que se chama variáveis projetáveis, que podem ser projetadas num futuro, articuladas matematicamente a respeito desse ponto futuro, e a situação se cumpre. Para isso é necessário que as variáveis sejam homogêneas. Que sejam variáveis que não sofram – entre outras coisas – variações qualitativas no transcurso da observação; supõe-se que a massa vai continuar sendo massa neste ano e no ano que vem, isto é, que não haverá modificações no conceito de massa neste ano e no ano que vem e que vamos continuar operando da mesma forma com o conceito de massa neste ano e no ano que vem. Supõe-se também que um metro é a mesma coisa aqui ou em Mercúrio. Todas essas suposições de estabilidade das variáveis são válidas na física newtoniana, entrando em questionamento dentro da própria física com a teoria quântica, porém nunca foram válidas no resto das ciências.

RP – Na tua dedução, através do teu conhecimento, não criou um problema, que se reflete na técnica analítica e na prática da psicanálise, o fato de na física existir um observador e um fenômeno, a massa, como disseste, que é sempre constante? Pode variar a forma de apresentação, pode variar em termos de movimentos, enfim, numa série de coisas. Na psicanálise, em outro momento, o observador também era constante...

JA – Eu acho que não, acredito que na psicanálise isso nunca foi verdade.

RP – Do nosso ponto de vista atual. Mas meu ponto de chegada é se, historicamente, a importância da contratransferência não modificou totalmente os referenciais no sentido de que se passou a ver duas variáveis. Não mais uma constante, isto é, o observador ou analista e uma variável que seria o paciente, mas sim, duas variáveis, pois o observador incluído dentro do campo analítico também é uma variável.

JA – Não, não. Estou absolutamente de acordo, mas me parece que estou numa questão muito anterior a isso, que é dizer que a epistemologia, tal como surgiu da física, é que se estabeleceu como reitora de todas as ciências. Uma epistemologia que nunca foi válida em muitos campos da ciência. Não só na psicanálise. Mill dizia que o conceito de causalidade, o conceito de causa como ele a entendia e como surgiu da física galiléica, seria aplicado aos seres vivos porque se pensava que os seres vivos podiam ser reduzidos à combinatória de uns poucos elementos simples. Isso retoma, em última instância, a concepção mecanicista de Descartes, dos seres vivos como mecânicos. Eu acho que a velha divisão de Descartes entre a res extensa e a res cogitans, a res extensa como mecânica e a res cogitans como sapiente, é uma incisão que segue viva na cultura. Em boa parte, segue-se pensando nesses termos e acha-se que se reestabelece essa polêmica com os enfoques narrativos. Já vamos chegar a isso... O que estou dizendo é que na realidade o modelo hipotético dedutivo – e isso já disse Waelder numa resposta a Nagel, no ano 62, num artigo que saiu no JAPA e que se intitula "Psicanálise, Método Científico e Filosofia", é que as concepções que Nagel utilizava, e que são as mesmas que utiliza Grünbaum, somente são aplicáveis num campo muito reduzido da ciência. Toda a biologia fica fora, não só a psicanálise. Por exemplo, as tentativas que cita René Thom, de um trabalho de um homem chamado Zeeman. René Thom é um matemático muito inovador no campo da ciência, que estabelece a teoria das catástrofes abordando a enorme dificuldade para descrever o desencadeamento de coisas simples, por exemplo, o desencadeamento do ataque de um cachorro, como acontece esse fenômeno, um fenômeno isolado e parcial, as extremas complexidades matemáticas que têm o intuito de abordar esse fenômeno. Eu acho que o problema é que as pessoas – e os muitos filósofos da ciência – supuseram que as coisas, ou funcionam nos termos da ciência galiléica e do método hipotético dedutivo ou não é ciência... Por outro lado, do ponto de vista dos enfoques hermenêuticos narrativo, retorna-se a uma concepção da mente como res cogitans. Isto é, a mente é a parte cogitante. Em última análise, voltam à velha concepção da

filosofia da mente como consciência. Então, o central para a mente consciente, que é a linguagem, é o que passa a ser central como método. Isto implica deixar totalmente de lado, na prática, ou pelo menos na sua conceitualização, o que são os elementos da herança animal, nos quais se baseiam os afetos, ao priorizar o outro elemento. Em termos freudianos, dir-se-ia que os enfoques hermenêuticos narrativos tendem a privilegiar a representação de palavra em detrimento da representação de coisa, e em detrimento da instintividade que está ligada à representação de coisa. Não sei se é clara a minha postura, o problema não se dá especificamente com a psicanálise. Tem-se dado com todo um amplo espectro de fenômenos mentais, que vão desde os fenômenos mentais que a etologia estuda, até a psicanálise. Nenhum desses cabe nem na perspectiva da ciência galiléica, nem tampouco na perspectiva hermenêutica narrativa. Os dois unem-se nesse campo de fenômenos que não é privativo da psicanálise, mas que é importante para ela. Eu acho isto importante, porque senão parece que os psicanalistas têm que se defender sozinhos. Isso não é verdade. Na realidade, existe um amplo campo de fenômenos que nos defendem, e que são bastante óbvios.

RP – Não sei que impressão tu tens a respeito, mas me parece que os nossos institutos de psicanálise começaram a se preocupar justamente em estudar hermenêutica, filosofia, lógica, para que se possa cruzar com outras áreas do conhecimento, neste momento em que a psicanálise depende também muito da pesquisa para validar-se. Estão os institutos atentos o suficiente para que os alunos possam se familiarizar um pouco mais com toda esta terminologia ou também para pensar a psicanálise dessa maneira como tu conseguiste nos expor tão bem até agora? Como é com a APDeBA?

JA – A questão que pessoalmente coloco é: qual é a função dos institutos? Conforma-me-ia se, dos institutos, os candidatos saíssem com uma base clínica. Acho que isso é o essencial. Caso se ensinam as pessoas a pensar de quatro a cinco ângulos ao mesmo tempo, não aprendem de nenhum. Não sei se alguém é capaz de pensar de cinco vértices ao mesmo tempo. A intenção de fazê-lo, levaria a um descuido da clínica porque, como as pessoas não podem pensar a clínica de cinco ângulos ao mesmo tempo, então o que fariam seria não pensar na clínica. Passar-se-ia a trabalhar a clínica na simples discussão de teorias. O que tem, creio, preservado a continuidade da psicanálise é a continuidade do método e a continuidade de aprender a trabalhar o método. Por isto, o fato que os alunos aprendam Freud e se enfatize o jeito como trabalham, creio que é tarefa central dos institutos. A outra boa parte, os candidatos farão por sua conta, escutando um e outro, lendo por conta própria. Acho que o núcleo básico que os institutos têm que promover é o aprendizado clínico. Por isso, o central nos institutos, a meu entender, não passa pelos currículos, passa pela boa qualidade das análises e a seleção das análises, a seleção dos analistas didáticos, a seleção dos candidatos e a qualidade e a avaliação das supervisões. Por exemplo, em muito poucos institutos do mundo, os supervisores, dois, três ou quatro – de acordo com as regras de cada instituto – reúnem-se para intercambiar opiniões, antes de ser aceito o que poderia ser a evolução nas supervisões de um determinado candidato. Pode ocorrer que três supervisores aceitem, com muita desconfiança, a tarefa clínica de um candidato, e nunca se reúnem e digam: “bom, se desconfiamos, o que estamos aprovando?” Pode-se dedicar um par de horas para ver se, no transcurso de sua formação no instituto, um candidato fez realmente o aprendizado mínimo necessário. O mesmo acontece com a seleção dos analistas didatas. Na maior parte dos lugares, fazem-se umas poucas entrevistas e lança-se uma breve olhada em seu material clínico. Os ingleses, nesse sentido, são muito mais exigentes. Em algum momento, seja quando a pessoa é nomeada membro titular, ou quando pede para ser nomeada, tem que ter – creio que não estou errado – 20 horas de supervisão de um tratamento em andamento, com algum dos professores mais experientes, especialmente habilitados para cumprir essa função na nomeação de didatas. Penso que esse tipo de coisas, que tem a ver com algum cuidado da clínica, é muito mais importante do que incluir ou não Roy Schafer, por exemplo, no programa curricular. Se não o incluimos, caso queiram lê-lo, hão de fazê-lo depois; e se não querem lê-lo, embora o tenhamos no programa curricular, tampouco o lerão, ou só darão uma olhadinha por cima.

RP – Tem-se notado uma tendência crescente, na literatura psicanalítica, a abordar temas que interligam a psicanálise com outras ciências. Podes ver que há uma tendência no próprio *International Journal* a incluir trabalhos de ordem teórica, a ponto de ser uma preocupação do comitê que se encaminhem trabalhos clínicos.

JA – é um ponto complexo. Acho que deve haver interligações entre a psicanálise e outras contribuições, mas à medida que ajudem a explicitação e o enriquecimento do método. O que estou fazendo é usar instrumentos lógicos para ajudar a desvendar o que acontece dentro do método analítico. Parece que é diferente de tentarmos armar um novo método analítico. Faço isso com base em algumas coisas que aprendi da lógica. Creio que são duas posições radicalmente diferentes. Se alguém consegue ser mais explícito e contribuir para o desenvolvimento do método analítico com base, como direi, na teoria do caos, como algumas pessoas tentam fazer, – é claro que a teoria do caos está muito em fraldas ainda, assim como as lógicas paraconsistentes – então, como as coisas estão muito em fraldas e são muito complexas, dificilmente se conseguem unir os dois campos de pensamento de uma forma suficientemente clara, de modo a ser uma contribuição. é diferente quando se tenta uma reformulação do método, partindo de alguma linha filosófica. Acho que é o que acontece nos enfoques hermenêuticos. Nesses, por exemplo, Ricoeur diz que existe um hermenêutismo militante. Quer dizer que ele é um militante da hermenêutica. Então, ele vai reformular desde este ponto de vista. Não é alguém que esteja tratando de usar a hermenêutica para descrever melhor a psicanálise que possui dentro de si. Mas é alguém que, não tendo a psicanálise dentro de si, vai tratar de reformulá-la em função do que tem dentro de si, que é a hermenêutica. Acho que aí tem um divisor de águas.

RP – Mas, não te parece que há uma preocupação da IPA com uma tendência que estaria havendo, de desfigurar o método? Tanto que há, por parte da organização, a insistência em manter quatro sessões semanais, em dias diferentes, como forma de fazer frente a essa tendência.

JA – Acho que isso é um problema central e muito real. As dificuldades para manter o método são crescentes, mas acho que isso não tem a ver com as dificuldades do método em si e sim com as dificuldades da cultura. Inclusive o fato de que exista tanta gente, dentro da cultura psicanalítica, que supostamente faz psicanálise, apresentando coisas muito mais fáceis de vender. é muito mais fácil vender a um paciente que ele faça psicanálise uma vez por semana – e são necessárias quatro sessões por semana para fazer psicanálise – porque vai sair quatro vezes mais barato, vai demandar quatro vezes menos investimento emocional e vai evitar toda a turbulência emocional que está inevitavelmente ligada ao processo analítico. Então, desse ponto de vista, a técnica ideal é aquela que exclui completamente a existência de um processo analítico, isso vemos em muitos setores da periferia. Evidentemente, o fato de existir um “mercado psicanalítico” no qual alguém se analisa sem ter necessidade, é uma oferta tentadora, mas isso tem que nos levar a modificar o método.

RP – Tu me entendeste? A minha pergunta não tem uma proposta, mas busca ver como pensas isso. Porque está havendo efetivamente uma pressão no sentido de uma mudança do método, ou seja, diminuir o número de horas, a análise condensada, são coisas que estão sendo discutidas.

JA – Bem, a análise concentrada como se tem feito em alguns lugares do Brasil, sobre a qual José Américo Junqueira de Mattos apresentou um bom trabalho em São Francisco – e agora em Recife, acho – creio que é uma modificação especial do método para adequá-lo a certas situações geográficas. Esses são os casos em que, legitimamente, a necessidade pode ter rosto de

hereje, e podemos até respeitar que a necessidade tenha cara de hereje. Suponho que isto pode ser válido, com algumas restrições adicionais. é possível, mas teríamos que perguntar a pessoas que já tem experiência em fazê-lo, se o método feito dessa maneira não requer pacientes que sejam, talvez, um pouco sadios. Esse é um problema, eu diria, político-institucional; não parece que seja um problema do método.

RP – Um fato institucional, econômico e com características de marketing?

JA – Está bem, mas esses aspectos são periféricos, a meu entender.

RP – Mas, as influências de que falamos, as quais são uma preocupação de todos nós com a descaracterização da psicanálise? E caso a exceção se torne regra, em função dessas necessidades todas?

JA – Bom, acontece que não acho que isso seja válido na maioria dos casos; a análise concentrada é válida para pessoas que moram muito longe, digamos, que têm dificuldade. Esses são casos de exceção e é claro que em caso de exceção pode ser essa a melhor política a adotar. Isso, a meu entender, é perfeitamente válido e legítimo, tomando-se certas precauções, como por exemplo, quem pode aproveitar o método nessas circunstâncias, e quem não pode. é perfeitamente legítimo para esses casos. é diferente do que se vê nos meios lá fora, nos quais a formação psicanalítica depende de ler certos textos, encher-se de certas teorias e nisso consiste em como se transformar num analista. Isso é o que acontece nas universidades onde as faculdades fabricam “psicanalistas” com base em cursos. Que eu conheça, pelo menos na Argentina, nenhuma das universidades exige do aluno que está fazendo sua formação, fazer uma análise, mais ou menos equivalente ao que se requer nas associações psicanalíticas. Isto é diferente do caso nas universidades norte-americanas onde há um instituto de psicanálise, com todas suas características de instituto de psicanálise, dentro do marco de uma universidade. Nesse caso, a estrutura do ensino da psicanálise é respeitada, mas, no outro, é completamente diferente. é segundo esse modelo que funcionou a quase maioria das instituições da periferia da psicanálise as quais se dizem psicanalíticas. Eu acho que essa é a situação.

RP – Jorge, já estamos com 1 hora de entrevista e tu ainda não descansaste hoje. E temos um jantar às 20 e 30 horas!

JA – E que horas são agora?

RP – Já são 19 e 30 horas.

JA – Eu tomo um café!

Acho que a obstrução fundamental à popularidade da psicanálise – Freud sabia que a psicanálise seria impopular – é que o processo genuíno da psicanálise, que é a tomada de contato com os processos inconscientes e a sua elaboração dá-se às custas de esforço. Não há forma de ser o contrário. A invenção de uma psicanálise sem esforço tem sido muito tentadora, mas... Se evitássemos, na elaboração das ansiedades, o processo de luto, quer dizer dos próprios aspectos agressivos, isto é, tudo aquilo que é a carne do processo analítico, não faríamos mais psicanálise, mas estaríamos transmitindo uma determinada ideologia analítica e o processo analítico não se faria. O processo psicanalítico como ele é não tem maneira de ser popular.

RP – A questão sobre a perversão do método refere-se ao risco da ideologia. é disso que estás falando ? Que há determinados grupos que têm uma tendência perversa...

JA – O que para mim segue sendo o núcleo da técnica psicanalítica, o núcleo da explicitação da técnica psicanalítica? Freud expôs a técnica psicanalítica, mas o mecanismo do insight e como ele acontece nas sessões, quem o expôs foi Strachey. Freud disse: fazer consciente o inconsciente. é uma fórmula muito genérica. Strachey conseguiu precisá-la muito mais. Entre nós, Etchegoyen foi o grande cultor e aquele que desenvolveu a posição de Strachey à qual eu aderi. Sem nenhuma dúvida, estou tratando só de usar os instrumentos da lógica para explicitar, apoiando-me em Matte Blanco – que fez uma obra extraordinária, porém de difícil leitura – e tratando de unir certas idéias de Matte com idéias de Bateson e com contribuições dos lógicos que Matte não considerou. Porém muito na linha de desenvolvimento de Strachey. Esse tipo de preocupação por ostensividade no processo, desaparece completamente quando o método psicanalítico se transforma e a ideologia e a função da ostensividade passa para a verbalização do analista que é o que eu chamo de “queracionismo” verbal.

RP – Matte Blanco, que foi muito lembrado por ti, é um dos exemplos do que começa a ser estudado novamente. Seus trabalhos, durante muitos anos, não eram conhecidos pela população psicanalítica. Os institutos não trabalhavam com a bi-lógica. No tempo de minha formação não se ouvia falar de Matte Blanco, mas agora se recuperou Matte Blanco – há uns quatro ou cinco anos atrás tão somente. Mais ainda depois da sua morte e desse simpósio no Chile em sua homenagem, promovido pela Sociedade Chilena e pela Britânica. é um texto difícil de entender.

JA – é difícil sim, e sobretudo um tanto pesado. Ignácio tinha o mau costume de detalhar tanto que se fazia quase indigerível, por isso não é difícil. é difícil suportar a leitura, a tendência é desistir. Por outro lado, o fato dos textos de Matte Blanco serem encontrados somente em inglês e italiano dificultou muito o contato com a obra.

RP – O grupo chileno tem-se encarregado de traduzir ao Espanhol: Eleonora Casaula, Juan Francisco Jordan.

JA – Vão traduzir?

RP – Sim, estão traduzindo.

JA – Ah! Fico muito contente com isto.

RP – Sim, estavam preocupados em fazê-lo.

JA – Sim, sim o grande difusor das idéias de Matte Blanco no meio inglês foi sem dúvida Eric Rayner. Eric foi o homem que conseguiu certa difusão em Inglês.

RP – Eric Rayner?

JA – Ele foi o grande propulsor das idéias de Matte Blanco.

RP – Ele estava no simpósio de Matte Blanco no Chile. Ele não foi claro!

JA – Bom, na realidade ele não foi ao Chile para falar de Matte Blanco, ele foi falar das coisas que ele escreve. Creio que não lhe pediram que falasse de Matte Blanco; eu lhe teria pedido que o fizesse... Ele foi quem se encarregou de editar o segundo livro de Matte em inglês junto com David Tuckett.. é evidentemente um livro muito mais fácil que o primeiro. Creio que aí há um núcleo forte de pensamentos que não está sendo aproveitado. Outro autor que, apesar de não ser psicanalista, na minha opinião, é absolutamente aproveitável é Gregory Bateson . Gregory Bateson tem trabalhos realmente formidáveis que não surgiram da psicanálise, surgiram da etologia. São, quem sabe, os trabalhos que melhor podem nos ajudar a conceitualizar esse amplo espaço do conhecimento que vai entre os que toleram as ciências galiléicas e os que deixam de lado os enfoques hermenêuticos. Esse amplo espaço que é o espaço da mente não cognoscente. Porque há dois conceitos de inconsciente em Freud que são diferentes, se bem que estão implícitos um no outro; um é o conceito de inconsciente como o reprimido, isto é, o inconsciente que está ligado à repressão; o outro é o conceito de inconsciente como inconsciente instintivo, o que Freud chama de inconsciente não reprimido, isto é o que nunca foi consciente. São as partes da mente que se fazem conscientes por "manchas", mas não são primariamente conscientes. Esse funcionamento da mente não consciente por si mesma fica, em princípio, fora dos enfoques hermenêuticos que manejam com uma definição da mente da filosofia clássica. A definição da mente que Freud disse, em um trabalho, ser "um obstáculo no caminho da psicanálise". é um trabalho, creio do ano 17, onde ele questiona, briga com os filósofos e com a concepção de mente dos filósofos. Creio que esse trabalho de Freud segue sendo plenamente válido a respeito do enfoque hermenêutico.

RP – Jorge! Eu queria agradecer-te a boa vontade, essa tua capacidade de desenvolver tantos temas que são de interesse para nós todos. E mais uma vez conseguimos ter contato com toda essa tua cultura analítica. Penso que nos vai ser muito útil divulgar esta entrevista na nossa revista. Muito obrigado!

JA – Não! Muito obrigado a vocês; realmente tiveram muita paciência em me escutar! (Risos)

Tradução e revisão técnica de **Raul Hartke e Ruggero Levy**

Jorge L. Ahumada
Av. Las Heras, 3898, 3º H
1425 – Buenos Aires, Argentina

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

| [Voltar ao Topo](#) |

| [Voltar ao Sumário](#) |